

ARTE RUPESTRE E SOCIEDADES CAMPONESAS. UMA ASSOCIAÇÃO SISTEMÁTICA NO  
ALENTEJO CENTRAL (PORTUGAL)

ROCK ART AND PEASANT SOCIETIES. A SYSTEMATIC ASSOCIATION IN THE  
CENTRAL ALENTEJO, PORTUGAL

Leonor ROCHA\*

CHAIA/ Universidade de Évora, Portugal.

Correio eletrónico: [lrocha@uevora.pt](mailto:lrocha@uevora.pt)

Telem 969066937

**Resumo**

Pretende-se, com esta comunicação, contribuir para o conhecimento da arte rupestre e arte megalítica, no Alentejo Central e a sua relação com as sociedades camponesas, quer em termos cronológicos, quer espaciais. Nesta área, as primeiras referências à arte rupestre devem-se a V. Correia que, em 1921, refere a existência de dois blocos graníticos com arte rupestre de ar livre. Nos anos subsequentes, este tipo de registo ficou, de certa forma, afastado dos principais temas de investigação da arqueologia regional, situação que se manteve até ao 3º quartel do séc. XX. A identificação de menires decorados, rochas com gravuras e da arte rupestre do Guadiana trouxe um novo fôlego a este tema, tanto mais que começam também a ser identificados em clara associação a povoados pré e proto-históricos.

**Abstract**

*With this communication, we pretend to contribute for the knowledge of rock and megalithic art in the Central Alentejo and its relationship with peasant societies, as in chronological terms as on space. In this area, the first references to rock art are due to V. Correia that in 1921, refers the existence of two granite blocks with rock art in open air. In subsequent years, this type of record was in some way away from the main research topics of regional archaeology, which remained until the 3<sup>rd</sup> quarter of XX<sup>th</sup> century. The identification of decorated menhirs, rocks with engravings and Guadiana's rock art has brought a new impetus to this issue, especially since they are beginning to be identified in clearly association with pre and proto-historic villages.*



### 1. Introdução

Os primeiros registos de arte rupestre, no Alentejo Central, datam do primeiro quartel do séc. XX, fruto dos trabalhos desenvolvidos por V. Correia (Correia, 1921) nos concelhos de Mora e Arraiolos. Apesar de bastante escasso, este investigador inventariou dois afloramentos graníticos, com gravuras (essencialmente antropomorfos e cruciformes) nas superfícies verticais. Posteriormente, foram identificados mais dois blocos, com gravuras, nas proximidades (Zbyszewski et al., 1977; Rocha, 2004).

Nos anos subsequentes, foram-se identificando outros vestígios de arte rupestre, sobretudo em contextos megalíticos, as denominadas «covichas», presentes em monumentos megalíticos funerários (tampas e esteios) e também em afloramentos e blocos soltos, dispersos por todo o Alentejo Central. Nos anos 30 e 40, o Prof. Manuel Heleno realizou um extenso trabalho de escavações, no Alentejo Central, os quais só recentemente puderam ser estudados (Rocha, 2005), uma vez que este investigador nunca publicou os seus trabalhos. Para além de ter registado alguns afloramentos (que classifica, normalmente, de santuários) e monumentos

com «covichas», refere a existência de uma anta com pinturas, na base de três esteios da câmara. Infelizmente ainda não nos foi possível confirmar esta informação, dado que o monumento se encontra colmatado por terra, o que implica a realização de uma nova intervenção arqueológica, para se poder avaliar a sua veracidade.

Também o casal Leisner (Leisner, 1949; 1956; 1959), que identificou e publicou, entre os anos 40 e 60 do séc. XX, centenas de novos monumentos megalíticos funerários no Alentejo Central, não apresenta novos contributos para esta temática, para além de registar mais alguns monumentos com «covichas».

Paradoxalmente, apesar do Alentejo apresentar uma das maiores manchas dolménicas da Península Ibérica (Fig.1), é no lado da Extremadura espanhola que existem inúmeros registos de arte rupestre, nomeadamente pinturas e gravuras (com alguma variabilidade nos motivos) em monumentos megalíticos (Bueno Ramírez e Balbín Behrmann, 1998; Bueno Ramírez e Balbín Behrmann, 2003).

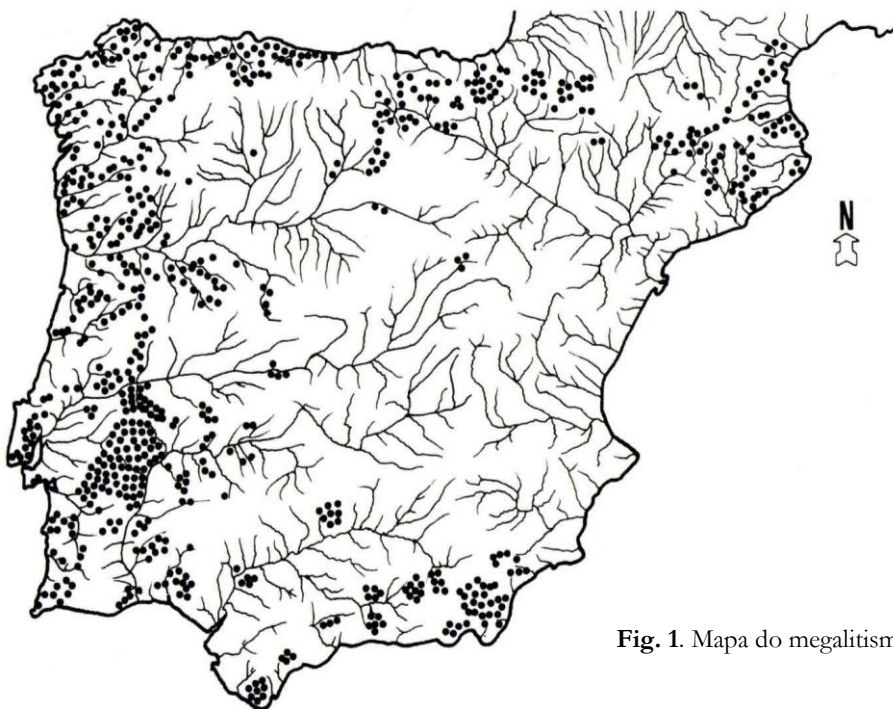


Fig. 1. Mapa do megalitismo peninsular

## 2. A Arte rupestre do Alentejo Central

Como se referiu anteriormente, até quase aos finais do séc. XX, as investigações em torno deste tema foram muito reduzidas, devido a um efectivo desinteresse por parte dos investigadores que trabalhavam nesta área.

No entanto, a descoberta de um povoado com arte rupestre (Gomes et al., 1993), o desenvolvimento de novos projectos de investigação, que visavam o estudo da Pré-história regional (Calado, 1995; Calado e Mataloto, 2001; Calado, 2003b, Calado, 2005; Rocha, 1999; Rocha, 2005), e o desenvolvimento de uma arqueologia preventiva que promoveu levantamentos arqueológicos no âmbito da minimização de impactes ambientais (Baptista, 2002; Collado, 2002), o panorama da investigação alterou-se substancialmente (Fig. 2).

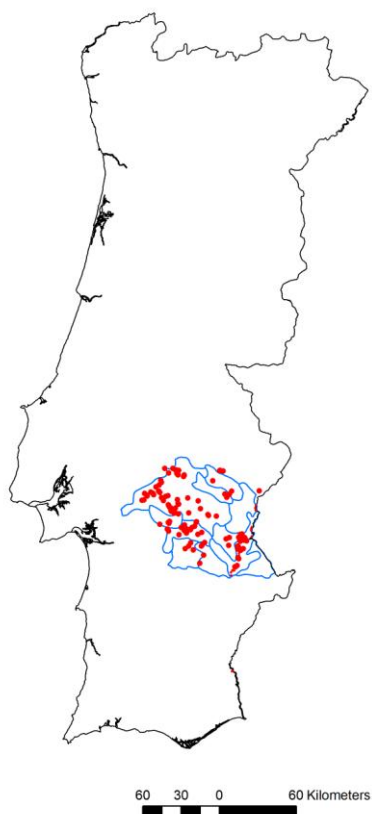


Fig. 2. Arte rupestre do Alentejo Central

### 2.1. Arte rupestre em contextos habitacionais

A ligação da arte rupestre a povoados no Alentejo Central foi, de facto, um tema que ficou aparentemente esquecido na investigação portuguesa, até ao aparecimento do denominado Santuário Exterior do Escoural, em Montemor-o-Novo (Gomes et al., 1993). Este conjunto de gravuras, sobre calcários metamorizados, encontra-se no exterior (parte superior) da única gruta conhecida até ao presente nesta área, também ela com gravuras e pinturas paleolíticas e pós-paleolíticas. Neste caso, trata-se de um povoado calcolítico, cujas estruturas se implantam, parcialmente, sobre as gravuras. Estas encontram-se em painéis horizontais e apresentam motivos diferentes em relação aos dos granitos e aos dos xistos (Gomes et al., 1993). De facto, este conjunto apresenta gravuras mais complexas, especialmente o tema dos bucrâneos, associados a covinhas que, pela tipologia, parece apontar para cronologias mais tardias, calcolíticas ou mesmo da Idade do Bronze (Fig. 3).

Painéis gravados, dentro de povoados, foram ainda identificados em Arraiolos em dois povoados, Montes Claros e Comenda do Meio 1, onde o tema é as covinhas e os cruciformes (Calado, 1995; 2001) e também em Évora, no povoado do Porro, onde num grande afloramento granítico, se encontram gravados um círculo e um semicírculo (Rocha, 2004).

Em 2007, no âmbito de prospecções realizadas em torno de Monsaraz com vista à realocação de sítios arqueológicos para o PDM de Reguengos de Monsaraz, foram identificados novas gravuras especialmente associadas a um extenso povoado do Bronze final. Estes painéis encontram-se dispersos por toda a encosta em afloramentos ou blocos soltos (Fig.4), de xisto (Calado et al, 2008). O presente conjunto caracteriza-se, mais uma vez, pela existência de um grande número de painéis com covinhas, os quais se conjugam, por vezes, com motivos filiformes.



**Fig. 3.** Painel do Santuário Exterior do Escoural, em Montemor-o-Novo (sgd. Gomes *et al.*, 1993)

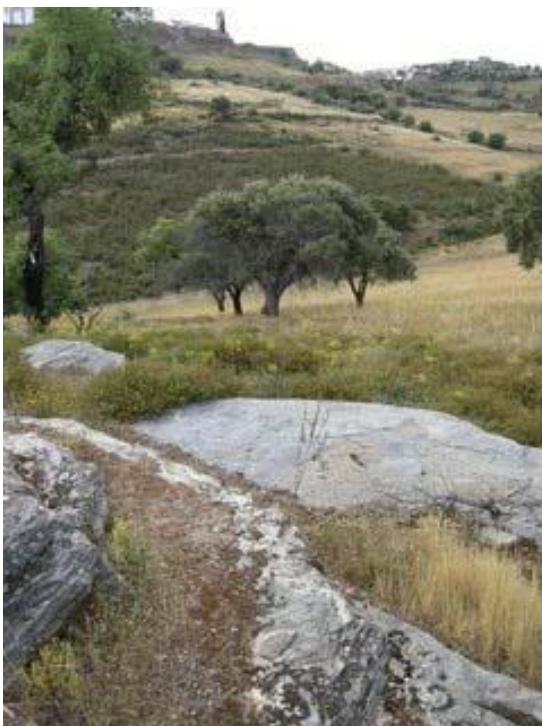
Os motivos até agora identificados permitem realizar algumas comparações estilísticas com as gravuras da área do Molino Manzániz, em Cheles – Espanha (Collado Giraldo, 2006) – e com a pintura do Levante (Sanchidrián, 2002: 462), em relação aos antropomorfos (Calado *et al.*, 2008).

A conjugação espacial entre as figuras e o povoado do Bronze final/Ferro parece apontar para uma relação entre os dois. No entanto, neste caso, só a continuidade dos trabalhos, com mais prospecções e a realização de escavações (sobretudo junto aos painéis gravados) poderá vir a trazer dados mais concretos.

Para além destes povoados, em que se verifica uma clara sobreposição e/ou junção de rochas gravadas, outros painéis, isolados, identificaram-se na área alguns dos quais, também, nas imediações de povoados pré ou proto-históricos, sendo que, nestes casos, o tema é, normalmente, o das «covichas» (Calado e Bairinhas, 1994).

## 2.2. Arte rupestre em contextos megalíticos

Apesar da grande mancha megalítica existente no Alentejo Central (ver Fig.1) a arte é um tema que se encontra praticamente ausente das antas, ao contrário de outras áreas peninsulares. Para além disso, os motivos representados, a nível do megalitismo funerário, resumem-se quase que exclusivamente, às covinhas, que se encontram sobretudo nas áreas mais expostas (tampas), sendo raros os casos em que ocorrem nos esteios (Leisner, 1949).



**Fig. 4.** Painéis de xisto gravados no povoado do Bronze final de Monsaraz (Reguengos de Monsaraz)



Esta localização permite supor que se trata de um fenómeno que ocorre numa fase em que o monumento já se encontrava exposto. No entanto, como se referiu anteriormente, existem alguns casos, como o da Anta do Olival da Pega 2, em Reguengos de Monsaraz, em que os 2 esteios com covinhas (Fig. 5) se encontravam, à data da escavação, completamente encobertos pela mamoá. Este caso, raro, face ao que se conhece actualmente, remete este fenómeno para o Calcolítico, uma vez que se trata de uma clara reestruturação do espaço realizada pelos construtores do tholos (Gonçalves, 1992; 1999).



**Fig. 5.** Esteio com covinhas da anta do Olival da Pega 2 (sgd. Gonçalves, 1992)

Ainda nesta área existem informações, antigas, relativas à recolha de um bloco de diorite, decorado, no interior de uma anta (Mancebos 1). Este bloco, entretanto desaparecido, tinha uma decoração incisa e picotada, com motivos que foram interpretados como “figuras cruciformes, linhas cruzadas, figuras de animal, figura humana e outras de difícil interpretação” (Leisner e Leisner, 1985: 153). Paralelamente existem outros indícios sobre a provável existência de gravuras e pinturas em alguns monumentos megalíticos funerários, como Vale Rodrigo 1 e 2 (Évora), Anta do Paço 1 (Montemor-o-Novo), Anta Grande do Zambujeiro (Évora), Barrocal 1 (Reguengos de Monsaraz) que, por se tratar de observações realizadas a partir de fotografias e/ou de informações provenientes de escavações antigas, carecem, naturalmente, de

confirmação (Bueno Ramírez e Balbin Behrmann, 1998b; Calado, 2003; Cartailhac, 1886; Larsson, 2001; Leisner e Leisner, 1985: 154; Rocha, 2005). Para além destas evidências existem outros casos, isolados, com círculos (Fig. 6), sulcos e outros motivos indeterminados que utilizam a técnica da incisão ou da percussão (Rocha, 2004, 2007).

Em relação aos menires, o fenómeno parece ser o oposto. De facto, grande parte dos menires, isolados ou integrados em conjuntos, possuem algum tipo de arte que vai desde as simples covinhas (Fig. 7) até outros temas, mais complexos (Fig. 8).

As gravuras, quase todas executadas com a técnica do baixo-relevo, têm como temas principais os báculos, os crescentes lunares e as figuras geométricas (quadrados ou rectângulos). Com menos expressividade surgem os círculos e os serpentiformes (Alvim, 2004; Calado, 2004; Rocha, 2005).



**Fig. 6.** Círculo gravado na anta da Quinta do Gato



**Fig. 7.** Covinhas em menir do Recinto Megalítico dos Almendres

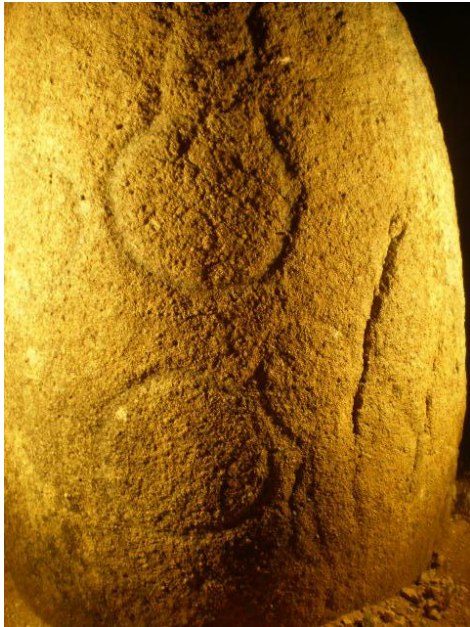


Fig. 8. Menir do Recinto Megalítico dos Almendres

### 2.3. Arte rupestre em contextos fluviais

Desde os meados do séc. XX que a arte rupestre, associada a afloramentos junto ao leito dos rios era conhecida no Norte Alentejano. No entanto, a arte rupestre do Guadiana foi identificada já no início do Séc. XXI, no âmbito dos trabalhos arqueológicos que se estavam a realizar na área do regolfo do Alqueva.

Trata-se de uma arte que se encontra dispersa por uma área relativamente extensa, em afloramentos de xisto (Fig.9), junto ao leito do rio, que ficam submersos a partir de meados de Novembro até Março/Abril, dependendo da pluviosidade anual.

Apresenta técnicas diversificadas que vai desde a incisão à picotagem. No que diz respeito aos motivos presentes, estes complexo rupestre possui uma grande variabilidade (cavinhas, antropomorfos, zoomorfos, serpentiformes, figuras geométricas), a maior parte dos quais ainda sem paralelos na área.

### 2.4. Arte rupestre em blocos isolados

A arte rupestre em blocos e/ou afloramentos isolados está, no Alentejo Central, inquestionavelmente ligada às covinhas. De facto, estas estão espalhadas um pouco por

toda a área e em todos os tipos de suportes. As áreas mais vazias em termos de informação, correspondem essencialmente à insuficiência de trabalhos de campo (ou à sua publicação).

Este tipo de arte encontra-se, normalmente, nas faces expostas das rochas, sendo mais raras em painéis verticais. Destes destacam-se dois casos, um no concelho do Alandroal (Poio Grande) e outro no concelho de Estremoz (Santo Estevão 3), ambos em afloramentos de xisto (Calado 1993, Rocha, 2003, 2005).

Outros tipos de arte rupestre são raros, nesta área, para além dos abrigos identificados no início do séc. XX, anteriormente referidos. Destes, o Penedo das Almoínhas (Fig.10) é o que apresenta um painel maior, onde o tema dominante é os cruciformes (Correia, 1921).



Fig. 9. Painel da Retorta – Barragem do Alqueva



Fig. 10. Penedo das Almoínhas



### 3. Breve síntese final

A arte rupestre continua a ser um dos temas menos estudados no Alentejo Central. De facto, analisando-se os projectos de investigação e a bibliografia produzida, nos últimos cem anos verificamos que, em relação ao primeiro não existiu nenhum projecto específico para esta temática (se excluirmos os trabalhos realizados no âmbito das “Medidas de Minimização da Barragem do Alqueva”) e que, no segundo caso, a informação foi publicada por investigadores que se interessam por áreas afins, nomeadamente o megalitismo.

Perante esta situação, as interrogações são muito mais do que as certezas. As covinhas, por exemplo, um dos fenómenos mais recorrentes do Alentejo Central, que se encontram presentes em todos os tipos de contextos, como se verificou pelo exposto anteriormente, continuam por perceber a sua funcionalidade, a sua cronologia, ou o seu significado.

A sua relação com os monumentos megalíticos (funerários e não funerários) e a sua presença em povoados a partir do Calcolítico faz-nos supor que poderão ter início entre o Neolítico final e o Calcolítico.

Compreender a sua funcionalidade e/ou significado parece ser uma questão ainda mais difícil tendo em conta a sua dispersão e variabilidade de suportes. Marcos na paisagem? Indicação de caminhos? Significados astronómicos, rituais ou matemáticos? Jogos? Muitas são as possibilidades que se podem equacionar...

A relação espacial entre os locais com arte rupestre (antas, menires, blocos soltos e afloramentos) e os locais de habitat está, infelizmente mal documentada, devido à ausência de projectos e metodologias específicas, à semelhança do que já vem sendo realizado noutras áreas peninsulares.

Tendo em conta a informação actualmente disponível parece ser possível começar a esboçar-se um primeiro quadro sobre a arte rupestre do Alentejo Central, com o

estabelecimento de áreas de maior interesse e de tipos de arte presentes. As comparações, as cronologias e a procura de eventuais relações com outras áreas são temas que se encontram em aberto, caminhos que se abrem à discussão e à investigação alentejana.

### Bibliografia

INVENTÁRIO 2000 Das Pedras do Xerez às Novas Terras da Luz. Beja. EDIA 2. 316-363.

ALBERGARIA, J; SILVA, M.L. 1995 Cromeleque do Torrão (Elvas): identificação. Vipasca. Aljustrel. 4.

ALMEIDA, F; ARAUJO, A.C; RIBEIRO, J.P. 2002 Contribuição para o estudo do Paleolítico no Alentejo interior. Al-Madan, II série, 11. 94-98.

ALMEIDA, F; FERREIRA, O.V. 1971 Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). Lisboa. Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, I. 163-168.

ALVIM, P. 2004 ‘Recintos megalíticos da região da serra de Monfurado e os «Cabeços do Meio-Mundo»: monumentos, paisagem e cultura no Neolítico alentejano’. En CALADO, M. (ed.) *Sinais de Pedra. Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*. Évora. Fundação Eugénio de Almeida.

- 1996-97 Sobre alguns vestígios de paleoastronomia no cromeleque dos Almendres. A Cidade de Évora. Évora. C.M. Évora, II-2. 5-23.

BAPTISTA, A.M; MARTINS, M.M. 1979 ‘Gravuras rupestres do Vale do Guadiana: Notícia da sua descoberta’. *Informação Arqueológica* (1977-1978) I: 17-18.

BAPTISTA, A.M. 2002 Arte Rupestre na Área de Influência da Barragem do Alqueva. Al-Madan, II série, 11. 158-164.

BALBÍN BEHRMAN, R.; BUENO RAMÍREZ, P. 2000 ‘El análisis del contexto

en el arte prehistórico de la Península Ibérica. La diversidad de las asociaciones'. *Arkeos-Perspectivas em diálogo* 10: 91-127.

BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMAN, R. 1995 'La graphie du serpent dans la culture mégalithique péninsulaire. Représentations de plein air et représeantations dolméniques'. *L'Anthropologie* 99, 2/3: 357-381.

- 1996 'El papel del elemento antropomorfo en el arte megalítico ibérico'. *Revue Archéologique de l'Ouest*. Rennes: [s.n.]. 8: 41-64.

- 1998a Arte megalítico en los sepulcros de falsa cúpula. A propósito del sepulcro de Granja de Toniñuelo (Badajoz). III Coloquio Internacional de Arte Megalítico. La Coruña.

- 1998b 'Novidades en la estatuária antropomorfa megalítica española. Actes du 2<sup>ème</sup> Colloque International sur la statuaire mégalithique'. *Archéologie en Languedoc*. [s.l: s.n.]. 22. 43-60.

CALADO, M. 1997b 'Cromlechs alentejanos e arte megalítica'. *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico. 289-297.

- 2000a 'Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial'. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Adecap. 35-45.

- 2000b 'O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo)'. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Monsaraz, 1996)*. Lisboa: IPA. 167-182.

- 2001 'Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional'. *Trabalhos de Arqueologia*, 19.

- 2002a 'Povoamento Pré e Proto-histórico da Margem Direita do Guadiana'. *Al-Madan*, II série, 11. 122-127.

- 2002c 'Standing Stones and Natural Outcrops. The role of ritual monuments in the Neolithic transition of the Central Alentejo'. En SCARRE, C. (eds.) *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. London. Routledge. 17-35.

- 2003a 'Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo'. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa. IPA. 351-369.

- 2004b Menires do Alentejo Central: Génese e Evolução da paisagem megalítica regional. <http://www.crookscape.org/tesemc/tese.htm> 1

CALADO, M; MATALOTO, R. 2001 *Carta Arqueológica do Redondo*. Redondo. Câmara Municipal de Redondo.

CALADO, M; ROCHA, L; SANTOS, I; PIMENTA, A 2008 'Rock art in context: Late Bronze Age motifs in Monsaraz (Alentejo, Portugal)'. *Actas do III Taller Internacional de Arte Rupestre. Havana*. 119-136

CALADO, M; ROCHA, L. 1996 'Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Pavia e Évora'. *Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica*. Gavà. II. 673-682.

CALADO, M; BAIRINHAS, A. 1994 'O santuário pré-histórico da Horta da Ribeira (Redondo)'. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa., 2. 175-178.

CASSEN, S.; BOUJOT, C.; VAQUERO-LASTRES, J. 2000 *Eléments d'architecture. Exploration d'un tertre funéraire à Lannec er Gadouer (Erdeven, Morbihan)*. *Constructions et reconstructions dans le Néolithique morbihonnais. Propositions pour une lecture symbolique*. Chauvigny. Association des Publications Chauvignaises.



CASSEN, S.; VAQUERO-LASTRES, J. 2003 'Cosas fabulosas. Muita gente poucas antas? Orígenes, espaços e contextos do Megalitismo'. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa. 449-508.

COLLADO GIRALDO, H. 2006 Arte rupestre en la cuenca del Guadiana: El conjunto de grabados del Molino Manzanés (Alconchel – Cheles). *Memórias d'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. Beja. EDIA.

CORREIA, V. 1921 El Neolítico de Pavia. Madrid. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Memoria 27).

CELESTINO, S. 1990 Las estelas decoradas del Suroeste peninsular. Cuadernos Emeritenses, 2. 47-62.

COLLADO, H. 2002 Arte Rupestre en la Presa de Alqueva. El conjunto de grabados del Molino Manzanés (Alconchel-Cheles, Badajoz. Al-Madan, II série, 11, p. 186-201.

- 2003 'Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno inicial como precedente del arte rupestre esquemático en Extremadura. Sinais de Pedra'. Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica. Évora. Fundação Eugénio de Almeida.

GOMES, M.V. 1982 'Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs. Actas do III Valcamonica Symposium'. Capo di Ponte. Ed. del Centro. 385-401.

- 1986 'O cromeleque da Herdade de Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora)'. *Almanson* 4: 7-42.

- 1991 Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almanson*. Montemor-o-Novo. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo 9. 17-74.

- 1997a 'Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico'.

En SARANTOPOULOS, P. (ed.) Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora. Évora. Câmara Municipal de Évora. 35-40.

- 1997b 'Cromeleque dos Almendres. Um dos primeiros grandes monumentos públicos da Humanidade'. En SARANTOPOULOS, P. (ed.) Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora. Évora. Câmara Municipal de Évora. 25-34.

- 1997c 'Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemática'. *Brigantium* 10: 255-279.

- 1997d 'O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos efectuados em 1988'. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz* I: 17-37.

- 2000b 'Cromeleque do Xerez. A ordenação do caos'. En SILVA, A.C. (ed.) *Das pedras do Xerez às novas terras da Luz*. Beja. Edia. 17-190.

GOMES, R.V; GOMES, M.V; SANTOS, M.F. 1983 'O santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora)'. *Zephyrus* XXXVI: 287-307.

- 1983-84 'Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural'. *Clio/Arqueologia*: 77-78.

GOMES, M.V; GOMES, R.V; SANTOS, M.F. 1993 O santuário exterior do Escoural - Sector SE (Montemor-o-Novo (Évora). Actas das V Jornadas Arqueológicas. Lisboa. A.A.P.. II. 93-108.

GONÇALVES, V.S; BALBÍN-BEHRMANN, R; BUENO-RAMIREZ, P. 1997 'A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal)'. *Brigantium* 10: 235-254.

GONÇALVES, Victor S. 1992 *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa. UNIARQ/INIC

- 1999 Reguengos de Monsaraz – Territórios Megalíticos. [s.l.]. CMRM.

JORGE, V.O.; JORGE, S.O. 1991 'Figurations humaines préhistoriques du Portugal: dolmens ornés, abris peints, rochers gravés, statues-menhirs'. *Revista da Faculdade de Letras. II série, VIII*: 341-384.

KALB, P; HÖCK, M. 1994 'Vale de Rodrigo 3, concelho Évora, Portugal. Vorbericht über die Ausgrabungen 1992'. *Madrider Mitteilungen* 35: 69-81.

LARSSON, L. 2001 'Decorated façade? A stone with carvings from the megalithic tomb Vale de Rodrigo, monument 2, Alentejo, southern Portugal'. *Journal of Iberian Archaeology* 3: 35-46.

LEISNER, G. 1949 *Antas dos Arredores de Évora*. Évora. Edições Nazareth.

LEISNER, G. e V. 1951 *A Anta das Cabeças*. Arq. Port. Lisboa: [s.n.]. I.

- 1959 *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin. Walter de Gruyter. II: 2.

- 1985 *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa. UNIARCH (reed.).

OLIVEIRA, J; SARANTOPOULOS, P. 1994 'Alguns monumentos megalíticos afectados pela expansão urbana da cidade de Évora'. *V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. 187-194.

PEREIRA G. 1880 *Antiguidades Prehistóricas. Dolmens d'Évora*. O Universo Ilustrado. Lisboa. 4 (32). 252-255.

PINA, H. L. 1976 'Cromlechs und Menhire bei Évora in Portugal'. *Madrider Mitteilungen* 17: 9-20.

- 1971 'Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora'. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, 6. 151-161.

ROCHA, L. 1999 *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal. Câmara Municipal de Mora.

- 2001 'O Povoamento Pré-histórico da área de Pavia'. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4(1): 17-43.

- 2004 'Entre vivos e mortos... arte rupestre e megalitismo funerário na região de Évora'. *Sinais de Pedra. Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica* (Évora, Janeiro 2003). Évora. Fundação Eugénio d'Almeida.

- 2007b 'O monumento megalítico do Lucas 6 (Hortinhas, Alandroal): um contributo para o estudo das arquitecturas megalíticas'. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10 (1): 73-94.

SANCHIDRIÁN, J.L. 2002 *Manual de Arte Prehistórico*. Barcelona. Ariel.

SANTOS, M.F; GOMES, M.V; MONTEIRO, J.P. 1981 'Descobertas de arte rupestre na gruta do Escoural (Évora, Portugal)'. *Altamira Symposium*. 205-243.

SILVA, A. C; PERDIGÃO, J. 1998 *Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos*. Arraiolos. Câmara Municipal de Arraiolos.

SILVA, C.M; CALADO, M. 2003 'Monumentos megalíticos lunares no Alentejo Central. Sinais de Pedra'. *Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*. Évora. Fundação Eugénio de Almeida.

ZBYSZEWSKI, G; VIANA, A; FERREIRA, O. V. 1977 *Descoberta de insculpturas com a figura humana estilizada na região de Brotas (Mora). O penedo de Almoinha*. CSGP. Lisboa, 61. 33-41.